

Uma educação informacional para a justiça social

Não há nada do poeta mentiroso em Deus.
(Platão, República, § 382d, 1949, p. 97)

[...] ó Gláucon, quando encontrares encomiastas de Homero, a dizerem que esse poeta foi o educador da Grécia, e que é digno de se tomar por modelo no que toca a administração e a educação humana, para a aprender com ele a regular toda a nossa vida, debes beijá-los e saudá-los como sendo as melhores pessoas que é possível, e concordar com eles em que Homero é o maior dos poetas [...]
(Platão, República, § 606e – 607a, 1949, p. 472)¹

As doenças da linguagem como o problema na cidade – a crise na *polis* – são objeto da reflexão filosófica desde a Antiguidade grega, justamente por vivenciarem, em sua condição, os problemas da verdade e da educação (ou a formação crítica contra a produção de mentiras). A questão do como educar um povo para resistir à devastação das epidemias informacionais representa uma das mais antigas argumentações da(s) Humanidade(s), presente, dentre outras obras, na República de Platão – centralmente na análise pormenorizada sobre o problema do “poeta” (aquele que educa a partir de discursos) no espaço urbano. A conhecida “questão homérica” é, também, um problema infodêmico, a saber, a crise da circulação do mito e da educação pelo mito no bojo de um lugar para a verdade na democracia.

Qualquer análise política que não observa o poder e os riscos da linguagem no adoecimento – na saúde social – da população atinge uma parcialidade perigosa para os mais diferentes modos de constituição de uma utopia democrática. Qualquer análise política que não problematiza a educação para a verdade nasce doente e amadurece doentia. A contemporaneidade estruturada por redes digitais privadas atesta a centralidade da linguagem na *polis* e o papel da “educação para informação”, bem como escancara o adoecimento de uma sociedade consumida pela informação.

Os novos regimes de informação exigem outras análises críticas acerca do letramento para a resistência democrática e para o desenvolvimento de estruturas de justiça social. A concepção de uma ecologia de apropriação sociocultural via saberes plurais fundamentados na diversidade, contra o massacre colonial, convoca uma ciência voltada para o estudo dialético de tais novos regimes. O conhecimento de diferentes culturas constituído via uma práxis da linguagem torna-se, assim, emergente e necessário para os diagnósticos da década de 2020 e o futuro do próprio pensamento informacional.

O dossiê *The ecology of literacy diversity in the new regimes of information*, editado por Arthur Coelho Bezerra (IBICT), Gustavo Silva Saldanha (IBICT - UNIRIO) e Miguel Ángel Pérez Álvarez (Universidad Nacional Autónoma de México), reúne pesquisas e reflexões que se colocam no *front* dos novos regimes de informação a partir de análises e propostas teóricas e metodológicas para o nosso tempo. O documento legado aqui às gerações interessadas na crise contemporânea ilumina a epidemia informacional que assola as democracias e coloca em risco o futuro das sociedades oprimidas, já vulneráveis perante a desigualdade socioeconômica priorizada pelo neoliberalismo.

¹ PLATÃO. *A república*. 15. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

Dentre os principais dilemas da saúde informacional dos povos na atualidade estão a desinformação e a pós-verdade. Essa é a proposta da reflexão conceitual que abre a esfera analítica do dossiê a partir do pensamento do pesquisador Carlos Alberto Ávila Araújo, observando as definições que nos legam um glossário mínimo múltiplo comum da infodemia para o horizonte possível do letramento plural.

A evidência infodêmica como consequência dos novos regimes de informação pode ser atestada na inseparabilidade entre pandemia (crise sanitária) e infodemia (crise comunicacional) pela reflexão de Talita Figueiredo e Ana Lúcia Alexandre Borges sobre a desigualdade digital e a cidadania. A mesma evidência infodêmica nos convoca para uma teoria crítica da informação, apresentada neste dossiê pela pesquisa de Arthur Coelho Bezerra a partir da mediação entre a pedagogia crítica de Paulo Freire e a teoria crítica da Escola de Frankfurt, que fundamentam e norteiam a práxis emancipatória presente nos estudos da competência crítica em informação.

As trilhas críticas da relação entre decolonialidade, desinformação, interseccionalidade, manipulação, mediação e práxis, todas estas lentes sociológicas aplicadas no presente dossiê, conduzem o leitor por distintos e igualmente críticos percursos de aplicação da citada teoria crítica da informação, como a procura por uma educação decolonial, presente na reflexão sobre o território informacional dos arquivos em Pedro Vidal Diaz, bem como a reflexão interseccional sobre gênero e mulher na digitalidade, através do olhar sobre o uso da internet no mundo atual, conforme a pesquisa de Gilda Olinto, Sonoe Sugahara Pinheiro e Nadia Bernuci dos Santos. No mesmo caminho das condicionantes do uso e do contexto, Miguel Ángel Pérez Álvarez nos apresenta as implicações éticas do uso de máquinas de aprendizagem como mediação sociotécnica para o desenvolvimento de habilidades no universo sensível de crianças e jovens. No âmbito da desinformação, dentro do mesmo horizonte de dilema da crise contemporânea, Felipe C. O. de Mello e Marco Schneider exploram o diálogo com a construção de modelos de educação contra o mal pela via da competência crítica em informação. Na dinâmica da circulação de mensagens na web, a investigação de Marie Santini, Débora Gomes Salles, Charbelly Estrella, Carlos Eduardo Barros e Daniela Orofino demonstra o papel de manipulação dos *bots*, dispositivos programados para atuação em redes sociais, no contexto da digitalidade e na construção da *polis* do século XXI.

Destaca-se também, na crítica da informação e na informação crítica como modos de problematizar a diversidade no letramento e o letramento para a pluralidade dialética, a reflexão teórica da ética na mediação concebida no pensamento Henriette Ferreira Gomes. Arenas de práxis da teorização da pesquisadora podem ser aprofundadas no âmbito empírico nas pesquisas sobre a competência em informação no papel social do tutor a distância, de Jéssica Gabriela Tamião de Souza e Luciane de Fátima Beckman Cavalcante, assim como na extensão universitária e seu exercício da práxis de apropriação da informação e do saber no estudo de Alberto Calil Elias Junior, Nysia Oliveira de Sá e Marianna Zattar. Também no âmbito educacional, a partir de uma reflexão filosófica do letramento digital pela via do conceito de leitura, Amanda Salomão e Gustavo Silva Saldanha constroem o debate sobre apropriação dos saberes nos novos regimes de informação, estruturada nas abordagens de Paulo Freire e do russo Nicolas Roubakine.

A travessia das pesquisas aqui reunidas no *front* dos novos regimes de informação apresenta-nos diagnósticos e métodos, teorias e modelos para a transformação de dinâmicas que conduzem ao epistemicídio e à consequente destruição de possibilidades de luta pela e afirmação da justiça social, principalmente em territórios marginalizados. O papel de uma educação na e para informação, via uma nova teoria crítica, plural e estrutural, concebida para os atuais infodilemas, recebe aqui contribuição direta e urgente. Os presentes estudos demonstram como estamos diante de novas "questões homéricas", apontando soluções teórico-metodológicas para rupturas com o mito que nos conduz, informacionalmente, para a derrocada de nossa já frágil cidadania.

Arthur Coelho Bezerra, Gustavo Silva Saldanha, Miguel Ángel Pérez Álvarez